



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A FESTA DO PESCADOR EM BOM SUCESSO: IDENTIDADE PARA A COMUNIDADE E PARA A CIDADE.

Lucas de Albuquerque Oliveira

Mestrando em Estudos de Cultura Contemporânea

pela UFMT, bolsista Capes.

E-mail: ironxx_us@yahoo.com

Quando os antropólogos passaram mais recentemente a pesquisar temas como festas, congados, batuques, artesanato, a abordagem se diferenciou qualitativamente da dos folcloristas do início do século XX. Não se trata mais de enfatizar a permanência das formas e rusticidade, mas agora se faz importante o objeto do *sentido*, da articulação entre *forma e cognição*, das singularidades culturais dos processos sociais (SEGATO, 1992: 20). E, portanto, acredita-se haver algo de específico no folclore e na cultura popular que ainda não se perdeu, o seu funcionamento como núcleo simbólico para expressar um certo tipo de sentimento, de convívio social e de visão de mundo, que remete à memória (CARVALHO, 1992: 32).

Embora visto por um prisma renovado a cultura popular é ainda abordada em muitos trabalhos por um viés romântico. Portanto, pensar as mudanças, reinvenções e fluxos que se fazem neste âmbito é uma alternativa qualitativa para dar contribuições para o estudo das manifestações populares. Cada pessoa envolvida nestas manifestações atua de forma ativa, re combinando retalhos, e não apenas lutando por preservação e memória. As formas e conteúdos navegam e são incorporados seletivamente de acordo com a proposta dos ‘atores’. As manifestações populares são constantemente reinventadas e transformadas, simplesmente pelo caráter dinâmico que a própria cultura possui (VIANNA, 2005).

Vamos falar neste texto sobre o processo inventivo no qual a “Festa de São Pedro” do bairro de Bonsucesso, situado na zona rural do município de Várzea Grande, Mato Grosso, se torna “Festa do Pescador”. Para isso tomamos como foco de uma observação etnográfica o processo de produção da festa, uma tentativa dos organizadores de situá-la como grande evento não só para balizar a identidade local e



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

regional, mas para potencializar o consumo turístico e massivo dos bens produzidos no bairro.

Várzea Grande é uma cidade vizinha à capital Cuiabá e Bonsucesso é um bairro antigo, fruto de antigas ondas de migração para o estado. Pesquisas recentes apontam para a ocupação inicial em torno de uma sesmaria datada de 1866, a sesmaria Bonsucesso (TAVARES, 2011). Uma das famílias detém consigo títulos de posse e afirmam serem descendentes diretos do antigo dono da sesmaria. Deste tempo se herdou o fazer da rapadura e o plantio da cana-de-açúcar que muito alimentou as usinas do Rio Cuiabá. Além da rapadura e doces caseiros, a pesca, mesmo que incipiente, ainda gera divisas para as famílias da localidade que se dividem entre trabalho agrícola e assalariado, numa composição mista da renda familiar. Atualmente a localidade conta com 11 restaurantes, onde predomina o trabalho familiar, e que servem a culinária local, tendo como pratos principais os peixes da região.

Quando se chega a Bonsucesso o visitante é embebido pelo ar bucólico e rural da localidade. Na rua, calçada com paralelepípedos, carros de bois circulam e reses dividem espaço com carros, motos e bicicletas. A maioria das casas não possui muros, sendo a porta da sala diretamente ligada às calçadas, onde muitos moradores colocam suas cadeiras e põem-se a conversar horas a fio. Os engenhos de rapadura são tocados por senhoras e senhores de avançada idade. Pescadores passam a todo o momento com seus apetrechos em direção ao rio. Algumas mercearias também vendem varas de pescar e iscas para o visitante que chega para se divertir. Além disso, Bonsucesso é marcadamente católico, realizando ‘festas de santo’ como a de São Benedito, Divino Espírito Santo e a de São Pedro.

A festa de São Pedro pode ser considerada especial dentre outras festas que ocorrem na localidade, pois ela é promovida por um grupo de pescadores organizados em associação formalizada. Exemplo de catolicismo popular a festa traz toda uma bagagem cultural própria dos ribeirinhos misturada a elementos diversos, como a música pop regional, o turismo, a política local. Este festejo possui dois momentos, inicialmente é realizada uma missa católica na igreja da localidade, segue-se em procissão até o início da comunidade onde se entram em procissão fluvial pelas águas do Rio Cuiabá, percorrendo boa parte da comunidade. Às onze horas quando a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

procissão atinge o local da festa se faz a passagem do santo para os festeiros do ano seguinte. Depois é servido o almoço nas margens do rio Cuiabá. Atualmente, a refeição é o auge da festa, sendo esta uma grande peixada nos moldes da culinária local. Ela ocorre em um terreno amplo (um dos únicos da localidade), diversas mesas se espalham pelas sombras das árvores. Logo após o almoço começam as apresentações culturais, como shows musicais, teatro, dança, dependendo da gestão da festa. A abundância e ênfase na alegria são predicados para a avaliação positiva ou negativa da festa. Essa comemoração é uma combinação de festejos que oscilam entre a cerimônia do sagrado, a missa, procissão dos festeiros com o santo, e a festividade, esfera do profano, a refeição e o baile.

Neste processo de construção da festa se faz necessário à formação de redes sociais, de fluxos entre a localidade a cidade e vice-versa. Surge nessa ação um forte discurso da “tradição” enfatizado pelos organizadores. Neste sentido, a produção da festa pode ser vista como um ritual, pois tem uma forma específica, constituindo um sistema cultural de comunicação simbólica da localidade com a sociedade envolvente (PEIRANO, 2003). O festejo consegue congrega pessoas num duplo sentido, os moradores na organização e numa outra esfera o visitante, e também ela tem se apresentado como uma forma de acesso ao poder público, iniciativa privada, agentes culturais, chamados para apoiar a festa. Neste movimento, os colaboradores são engolidos pela vontade dos organizadores de trocar, num apelo à reciprocidade. Além disso, percebeu-se através das “narrativas das festas” que por trás dela são construídas imagens que se referem à afirmação identitária e uma idealização da forma de convívio que existe em Bonsucesso. O que faz a produção da festa poder ser vista como um evento ritual é a sua potencialidade de edificar imagens, de expressar representações sociais¹. Deste modo, por meio de uma observação participante junto ao grupo que

¹ Um traço também presente nas “Cantorias de Pé de Parede” manifestação de migrantes nordestinos em Brasília, que é abordado pela autora Patrícia Osório (2006: 67): “Na esfera da Casa do Cantador, o que me era indicado como sendo especial era a Cantoria de Pé de Parede. Sendo assim, tomo as noites de cantoria como o rito por excelência da Casa do Cantador. Pensar a Cantoria de Pé de Parede como um evento ritual é sublinhar alguns de seus traços fundamentais. A Cantoria exerce o papel de reunir e congrega pessoas. Além disso, o evento desvela algo sobre seus praticantes. É um momento em que imagens são construídas e comunicadas. Imagens que se referem às afirmações da identidade nordestina, mas que também nos permite perceber que idéias sobre a tradição e o cantador estão sendo reavaliadas e ganhando novas nuances.”.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

organiza o evento pretende-se abordar alguns fluxos e negociações surgem no desenrolar da construção do evento e que afetam mutuamente a localidade e a cidade.

A questão identitária e como ela permeia a festa é um dos elementos que se pretende investigar. Nos últimos anos a questão das identidades tem sido amplamente reexaminada a partir de estudos que visam aproximar-se dos hibridismos, sincretismos, mestiçagens, enfim, manifestações que tendem a trazer à tona globalização, localismos e processos culturais multifacetados e complexos (HALL, 2005). A opção por traçar este caminho se acha mais relevante do que trabalhar como se manifestam isoladamente os grupos sociais, na medida em que o que importa no contexto contemporâneo são as trocas, a mudança e o choque cultural. Falar da Festa de São Pedro ou Festa do Pescador de Bonsucesso é poder falar um pouco sobre identidade, na medida em que através dela se propaga uma visão de algo que pertence a um território, para os ribeirinhos a beira do rio Cuiabá, e que alimenta o calendário de lazer da sociedade envolvente. Portanto, trataremos de identidade ao relevar seu caráter social, simbólico e também de sua atividade enquanto algo denotativo de contraste e de identificação formulada num determinado processo social.

Cabe aqui observar que uma forma relacional de produção de identidades é conhecida na literatura antropológica através da obra de Evans-Pritchard (1993[1940]) sobre os Nuer. O sistema político deste povo baseia-se num processo de articulação das fragmentações, que num plano mais micro-social se opõem em segmentos familiares e da aldeia, mas que dependendo da situação podem se unir como povo em relação a seus vizinhos, os Dinka.

Ao final da década de 1960, Fredrik Barth publicou na introdução do livro '*Ethnic groups and boundaries*' um ensaio que tem sido ao longo destes 50 anos amplamente citado e repensado dentro da Antropologia Social. Inicialmente Barth aponta que muitos tem se enganado ao pensar as diferentes culturas e processos sociais em termos de perda de cultura. Veem-se muitos estudos que enfatizam a morte das sociedades tribais, as consequências nefastas do capitalismo para os grupos tradicionais e a insurgência de uma homogeneidade cultural causada pela globalização. Para Barth toda e qualquer variação cultural é descontínua, e, portanto a cultura é dinâmica e enfrenta diversos processos ao longo do tempo. Em essência, segundo as afirmações do



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

autor, as agregações humanas compartilham semelhanças e diferenças culturais que as distinguem de todas as outras culturas, onde estas são tratadas através da noção de “*identidade contrastiva*”. É na auto-atribuição e identificação que os próprios atores conseguem se organizar e interagir. Portanto, o contraste entre os grupos é relevante como fator de organização social. Assim como se revela que as pessoas não são sujeitos passivos ao ponto de incorrerem cegamente aquilo que lhes foi ensinado para poder viver. A identidade está, então, no processo íntimo de reconhecimento e no processo relacional de diferenciação e organização.

As relações entre identidade e um de seus correspondentes, o conceito de comunidade, continuam uma questão aberta e controversa. George Marcus (1991), no texto: “*Identities passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial*” diferencia as ultrapassadas etnografias ‘modernistas’ das etnografias ‘realistas’ (entre as quais situam-se os estudos de Evans-Pritchard). Neste sentido, ele problematiza o conceito de comunidade referindo-se a uma localidade e identidade específicas, dissolvendo a solidez destes conceitos para propor uma formação de identidades em múltiplos planos e espaços. Nesse sentido, este estudo aqui apresentado tenta dar suas contribuições para a questão.

Como estratégia de pesquisa tentar-se-á identificar a produção de identidades para dentro do âmbito da localidade, de forma interna à constituição da produção da festa. E para tal é importante perceber como se organiza o segmento, quais figuras se destacam nele, as narrativas da festa, a vida cotidiana, os saberes e simbolismos que implicam no fazer da festa. Numa segunda instância perceber a construção de identidades para fora, nos fluxos que os moradores tecem para realizar a festa, com o poder público, com agentes culturais, com a iniciativa privada e com a mídia. Nesta medida procuraremos perceber quais discursos são proferidos, que categorias simbólicas eles carregam e como os organizadores querem ser vistos através da festa. Além disso, procuraremos pensar se essas imagens identitárias, para dentro e para fora, se cruzam, se alteram ou mutuamente se constroem. Trata-se, portanto, de perceber o que une os indivíduos desta localidade e os fazem pensar como constituintes de uma “comunidade ribeirinha”, como moradores de uma “vila”, que a cada ano se integra mais com as cidades de Cuiabá e Várzea Grande, pois o fluxo de trabalhadores assalariados que vão



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

trabalhar no centro das cidades é cada vez maior. Inicialmente trataremos, então, analisar os suportes da festa que nos propiciam pensar uma possível produção de identidade local ou coletiva, para depois tentar analisar como opera o discurso identitário a partir da festa, e como os organizadores querem se fazer ver através dela.

Quando cheguei à localidade para fazer um trabalho de campo exploratório para meu projeto de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea², sobre a festa de São Pedro fui à casa de uma professora aposentada, que anteriormente havia sido minha informante no trabalho de conclusão de curso sobre a relação entre trabalho familiar e o trabalho assalariado, no qual usei como exemplo etnográfico os engenhos de rapadura. Além de professora e rapadureira naquele momento ela me revelou que foi a primeira festeira do São Pedro, que sobre esta festa ela entendia muito bem. A priori ela proferiu um discurso muito interessante sobre o surgimento da festa, algo que me chamou muita atenção. A senhora, Dona T., me contou que em 1979 duas colegas suas, a Dona A. e Dona E. foram até o barranco que fica atrás da igreja da comunidade para comprarem peixe para fazerem o almoço. Quando chegaram lá encontraram um tarrafeiro com uns curimatás e piaus muito bonitos, reluziam a claridade em suas escamas. Foi aí que Dona A. pediu ao tarrafeiro que se ele desse o peixe para ela, elas fariam uma peixada em homenagem a São Pedro, pois era o dia do Santo, 29 de Junho. O tarrafeiro então disse que se fosse para fazer uma homenagem ao santo de sua canoa elas poderiam escolher qualquer peixe. Outros pescadores que lá se encontravam também ofereceram seus melhores pescados para a comemoração. Subindo de volta para a rua da comunidade elas saíram cada uma em uma direção para convidar os moradores para a peixada. O alvoroço estava feito, as mulheres logo se colocaram a preparar a comida, cada uma trouxe um ingrediente. Mais tarde quando o comprador de peixes chegou para buscar o pescado viu aquele furdunço. Ele e o gerente da empresa A., que também era funcionário da superintendência de pesca, decidiram então doar chope e uma vaca para a comemoração. No ano seguinte A., que era oriundo de localidade próxima a Bonsucesso, doou uma imagem de São Pedro para a igreja e nomeou Dona T. e o marido de Dona E., seu D., como festeiros para a festa de 1980, criando assim a tradição da festa do pescador de Bonsucesso.

²Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Naquele dia Dona T. me disse que hoje existe uma Associação para a realização da festa, e que ela me colocaria em contato com eles. Mais tarde as senhoras que foram as primeiras a fazerem a festa de São Pedro confirmaram a estória sem acrescentar muitos detalhes, mas sempre fazendo este apelo às trocas, reciprocidade, comunhão local e construção coletiva.

Fui, então, levado à casa de uma mulher de aproximadamente 40 anos de idade, V., que na época era presidente da Associação dos Pescadores de Bonsucesso. Dona V. estava em fins com o seu mandato na associação, mas era a pessoa que todos me indicavam para falar sobre a festa. Em nossas conversas ela sempre remetia à organização da associação, aos problemas que enfrentava pela desunião dos pescadores para fazer a festa e da falta de participação nos papéis formais. Ela também dizia que seu mandato representava uma ruptura com a prefeitura, pois ela não havia conseguido apoio institucional nos dois anos de seu mandato, e que tinha sido muito difícil organizar a festa, ficando a associação com dívidas. Segundo ela, sem o apoio do poder público fazer a festa se resume em pagar os gastos com a mesma. Casualmente é nesse drama de busca de apoio que começa meu trabalho de campo com a associação. De 2005 a 2008 a festa obteve apoio da Secretaria Estadual de Cultura de Mato Grosso e foi amplamente divulgada na mídia, além de contar com um grande número de pessoas nestas edições. Em 2009, 2010 e neste ano de 2011 os organizadores não conseguiram seus projetos aprovados no edital de financiamento de projetos culturais do estado e, portanto fazem a festa sem um capital prévio que possa pagar pelas atrações e pela infra-estrutura do evento. Mas é relevante notar que a busca de financiamento público e apoio de políticos acaba se tornando uma busca por reconhecimento do Estado e por ele fazer cumprir seu papel de gestor da cultura.

Acompanhei então a transição de gestão que foi marcada por uma disputa de campanhas um tanto quanto familiares, onde se apresentavam relações de parentesco e de compadrio. A fala dos candidatos era a mesma, se resumia em conseguir a aprovação do projeto, e fazer uma festa maior e melhor das dos anos anteriores, que levantariam a relevância do nome Bonsucesso no município de Várzea Grande. Após a votação, num domingo de fevereiro, a chapa vencedora se reuniu no restaurante da família do presidente onde tomaram cervejas e soltaram alguns fogos de artifício. Foi notório que o



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

candidato derrotado parecia o mais preparado para guiar a Associação, pois já havia sido presidente da Associação de Moradores, e trabalha com uma cooperativa que vende pescado para mercados locais. Fui percebendo na realidade que as pessoas que votaram no candidato eleito apostaram em duas coisas, primeiro no novo, ele se valeu disso no debate falando que iria fazer um novo modelo de festa, e segundo, em seus contatos políticos, pois teria trabalhado na campanha de um político influente na comunidade, além de ter amigos que trabalham em uma rádio da cidade, e de conhecer fornecedores de peixe, elemento crucial para a realização da festa.

A associação e os papéis que surgem juntamente com ela se colocam como uma nova forma de se fazer a sociedade em Bonsucesso, uma forma rizomática e transitória baseando-se nas gestões bianuais, que também remete à cooperação e a trocas objetivas mais do que numa permanência de laços. Não se trata mais de definir a festa como construção de laços mais próximos como o parentesco e o compadrio, ou como expressão da comunidade comunitária baseada em trocas mutuas e mutirões como fora citado na estória de fundação da festa contada por Dona T., mas para ser “presidente dos pescadores” deve-se ser apto a construir redes de relações sociais mais amplas, com pessoas de fora da comunidade, simplesmente porque as redes sociais mais próximas são limitadas e não conseguem suprir as demandas de capital e infra-estruturas necessárias para a construção da festa nas proporções que ela atinge hoje. A religião, que era o foco principal da festa em seu início, agora se mescla a outros elementos, como o turismo, o lazer para a cidade, o consumo. Como um micro-sistema dentro da festa a religião é elevada a “tradição” que não pode mudar, ela é referencia de memória, da localidade de pescadores que necessitam da bênção de São Pedro. A festa ainda que possuindo fortemente o seu lado católico não é apenas uma manifestação do catolicismo. No relato mítico da festa de São Pedro a homenagem ao santo através do banquete era o motivo da manifestação, não havia uma relação com políticas culturais, visibilidade e mídia. A sua proposta enquanto Festa do Pescador vem suprir uma demanda pela expansão e por visibilidade da localidade e a sua demanda por turismo e renovação da produção da localidade. A associação tece laços de acordo com a visibilidade possibilitada por eles. Fazer a festa hoje transparece uma necessidade de ter cada vez mais alcance e notoriedade, e que, por conseguinte seria também da



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

comunidade. Embora esta atualização do modo de fazer da festa seja relevante o discurso dos candidatos recai sobre algo muito presente no imaginário da localidade a idéia de união. Eles colocam como proposta unir mais a comunidade, e a categoria dos pescadores, trazer benefícios para a comunidade e para o turismo local. Portanto, saber fazer a Festa do Pescador, diferente da festa de São Pedro, é saber tecer redes sociais, e, além disso, é saber reforçar no discurso uma idéia que a localidade tem de si, de ser unida. A “Festa de São Pedro” quando ela surgiu pode ter sido uma manifestação que encontrava sentido na organização interna das relações pessoais, onde esse todo se sobrepõe aos indivíduos principalmente em termos identitários e do trabalho. Atualmente, num contexto mais complexo de relações pessoais, interessa para os moradores realizar uma “Festa do Pescador” na medida em que seu enfoque é justamente a extensão das relações com diversos setores da sociedade, e de se afirmar a identidade do ribeirinho ao nível societário, promovendo a produção local, o pescado. Portanto, a Associação conseguiu se tornar uma figura central da festa, dedicando maior atenção à comensalidade e ao baile. Os ritos religiosos, e a comunhão com o santo colocam-se como algo interno a própria localidade, de cunho mais restrito. A procissão seria nesse sentido um desfile da identidade, uma mediação entre os momentos sagrados e profanos. Podemos perceber uma festa com diferentes campos simbólicos atuando e com diferentes extensões.

Passemos a falar um pouco da organização dos pescadores, pois ela é fundamental para a compreensão da passagem de Festa de São Pedro para Festa do Pescador. Ela se dá numa associação, que parte do pressuposto da busca da sociedade civil por cidadania e acesso ao poder público. A idéia que os organizadores têm é de que a organização em associação proporciona legitimidade de representação, pois é uma representação formalizada, principalmente quando se concorre a apoio financeiro. Além disso, usa-se o nome da Associação como fator de representação também perante a iniciativa privada.

É interessante perceber que no realizar da festa esses atores se tornam sujeitos políticos cada vez mais organizados e tentando um dialogo crescente com o poder público. Embora este coletivo organizado surja apenas como grupo de interesses, ou como um grupo de pressão que atua segundo regras exclusivas de financiamento para



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

projetos culturais, seus resultados e impactos não são parciais. Esta forma de atuação pode alterar progressivamente o comportamento deste setor da sociedade civil frente ao Estado. Além disso, esse movimento possibilita que num determinado período o “presidente dos pescadores” possa ser representante das demandas e interesses da comunidade implicando em realizar mediações e intermediações de melhorias que o poder público possa financiar para melhor receber os visitantes, já que o turismo é uma das grandes apostas da localidade.

Sem um contingente tão grande assim a “classe dos pescadores” de Bonsucesso reivindica agora o apoio da comunidade na produção da festa. Reformularam o estatuto em 2011 para que possam votar nas eleições todo e qualquer morador de Bonsucesso, bem como podendo também se candidatar à diretoria da Associação qualquer morador. Esses papéis dentro da associação eram antes vedados apenas a uma categoria dentro do bairro, aqueles que possuem a carteira de pescador profissional, aparentemente restringindo esta atividade política apenas aos homens³. A pesca no rio Cuiabá é uma atividade em declínio e isso tem sido demonstrado em várias entrevistas. A escassez do pescado é atribuída à instalação de uma barragem de energia elétrica rio acima, que segundo os pescadores alterou o fluxo das águas no rio prejudicando a reprodução dos cardumes. Não se pode pensar mais em fazer uma festa com peixes doados pelos pescadores, como era feito até a década de 1990, pois estes pescadores mal conseguem sobreviver apenas da pesca, sempre estão fazendo bicos, e trabalhos pagos em diária, pois não podem assinar a carteira de trabalho perdendo assim os seus direitos de pescador. Além disso, nas reuniões da associação sempre fica no final algum grupo discutindo a situação da pesca, enquanto a associação não consegue efetivamente uma busca de direitos para os pescadores ela tem servido como espaço em que se colocam as discussões em dia, a situação do rio e dos pescadores. Mas a principal função da Associação tem sido a gestão da “Festa do Pescador”.

³ É evidente o domínio masculino dentro do universo da associação, e, apenas uma mulher conseguiu até hoje ser presidente da associação. Embora neste caso “Festa de São Pedro a Festa do Pescador” apresente-se o tempo todo considerações sobre o gênero nas narrativas das festas, não as abordaremos aqui. Haveria necessidade de uma extensão da pesquisa para avaliar os papéis de gênero tanto na associação, quanto na organização da festa, bem como ela se apresenta no mito fundacional do festejo, etc.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A Associação de Pescadores de Bonsucesso surgiu em 1980, por intervenção da Colônia de Pescadores Z1, órgão que cuida das questões legais dos pescadores. Na época o presidente se chamava A., o mesmo que estava por trás do início da festa de São Pedro, e que era também fiscal da superintendência de pesca, no que tangia questões de pesca no rio Cuiabá. O órgão criou uma série de reservas pesqueiras ao longo do rio, territórios onde se concentravam o maior número de pescadores, e conseqüentemente nas comunidades ribeirinhas. Nestes locais só era permitido pescar com anzol, ou seja, a idéia era criar áreas que fossem preservadas e fiscalizadas pelos próprios moradores. Ao longo da comunidade de Bonsucesso, em 1 km de rio não se poderia jogar rede ou tarrafa, tentando evitar a pesca predatória. Para cuidar das reservas A. foi até as comunidades e criou uma série de associações. Hoje em dia, a competência sobre a pesca não fica mais somente com o IBAMA e foi passada a fiscalização para a Secretaria Estadual de Meio Ambiente, tendo uma subsecretaria voltada para a pesca. As reservas pesqueiras também não funcionam mais. Mas é interessante perceber que em Bonsucesso ao contrário das outras localidades a associação não morreu, ela tomou outro significado e outra função, fazer a “Festa do Pescador”. Não se sabe ao certo quando a associação tomou esta função para si, mas foi logo no início da festa na década de 1980. Naquela época ela exercia as duas funções, cuidar da reserva pesqueira e buscar apoio para a festa, que era pequena e que, portanto não exigia um grande envolvimento de tempo e trabalho como demanda hoje. Conforme a festa foi crescendo essa demanda de tempo e trabalho foi aumentando, e conseqüentemente foi aumentando a importância da associação.

Com a associação surge a figura da “diretoria”, é ela que vai atrás dos patrocínios, dos agentes culturais para elaboração de projetos, da contratação de bandas, incentivo de comerciantes, a prefeitura para viabilizar infra-estrutura, etc. O presidente da diretoria é a figura central do processo, dele se depreende a maior parte do trabalho e do tempo, pois ele acaba sendo enquadrado como o responsável pela manifestação e como principal mediador entre o planejamento dos organizadores e o contato com os fornecedores e órgãos públicos.

Mas existe um universo na festa que está além da associação, a “comissão da igreja”, pessoas que cuidam das questões religiosas locais, que organizam as festas da



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

igreja, e que escolhem os festeiros de São Pedro, e que juntamente com os festeiros constituem o terreno religioso da festa e tecem movimentos internos à própria localidade. É importante perceber que para os moradores essa parte religiosa da festa não deve mudar; que ela não se envolva diretamente nos fluxos que a associação tece e com idéias como turismo, participação civil, etc. Deste terreno só se participa quem é da “comunidade”. Aqui se apresenta o “universo festivo” de São Pedro, uma parte da festa que está dentro da Festa do Pescador e que exige toda uma hierarquia e papéis para estes festeiros que seguem uma “tradição”. O rei e a rainha ficam à frente na procissão e nas atividades, o alferes de bandeira leva a bandeira, o capitão do mastro fica responsável por cortar a madeira, orná-la e afixá-la no dia da festa, e os juízes levam as coroas que vão enfeitar o altar do santo no dia da missa. Alguns dias antes da festa o rei e rainha, que foram escolhidos na missa do ano anterior, organizam grupos de trabalho para executar algumas tarefas na localidade. São elas: o ornamento da igreja, o qual é pago pelos festeiros, são flores, tapetes, fitas; a formação dos grupos de trabalho que vão preparar o peixe, grupo de cozinheiros que vão prepará-lo no dia da festa e na construção da cozinha, que é feita com bambus e palha. A todo o momento em que as pessoas estão preparando a comida ou trabalhando os festeiros ficam responsáveis por alimentá-las, fazer lanches, chá, bolo, levar o almoço para as pessoas que estão cortando os peixes na beira do rio, onde é a concentração para a preparação do pescado. Eventualmente os festeiros vão com a diretoria da associação aos órgãos públicos quando é necessária a formação de um grupo de representantes, mas isso depende muito da atuação de cada festeiro.

No dia da festa as figuras mais prestigiadas são os festeiros, neste dia é dito que eles não trabalham. Eles se resguardam para realizar a procissão terrestre e fluvial carregando o santo e representando os pescadores(as), pois ao contrario da associação que tenta angariar a participação da comunidade na formação da diretoria, os festeiros continuam sendo exclusivamente pescadores. São estas as pessoas que põem o santo na rua, que o carregam e o lavam⁴, passando adiante ao fim da procissão fluvial para os festeiros do ano seguinte.

⁴ Ao inquirir diferentes moradores da localidade em relação ao significado da lavagem do santo chegamos à explicação de que além da bênção aos pescadores, lavar São Pedro é algo que abre as portas da pessoa em vida, e que no caso é elevado ao nível da comunidade.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

O terreno cedido para a realização da festa pertence a um dos fundadores da “Festa de São Pedro”. É de propriedade de Seu N., um velho rapadureiro da localidade. Este é um terreno amplo, gramado e sem árvores que fica bem na margem do rio, criando assim uma paisagem acolhedora e rural para o momento do almoço que é servido durante a festa. O almoço é o momento principal da festa, ele faz a quebra entre os rituais religiosos que são realizados pela manhã e o baile que começa à tarde. A peixada é o grande atrativo de turistas e visitantes, que vem principalmente para prestigiar a comida típica, em abundância e a um preço simbólico. Antes da peixada é realizada uma corrida de canoa que é organizada pelo primeiro festeiro, Seu D. que convida anteriormente os pescadores para participar da corrida. As premiações dadas aos vencedores ficam por conta da Associação.

Angariar fundos para a elaboração da festa é uma tarefa árdua e que para os organizadores acaba por se traduzir num *drama social* na concepção de Victor Turner (2008) onde o drama tem como ponto essencial uma ação que rompe com o que é vivido cotidianamente quase que de modo automático, e, que desencadeiam processos compensatórios. De certa forma os organizadores enxergam seu trabalho como um drama, sendo a festa um rompimento com a rotina e sua ênfase na alegria se dá através de alguns momentos onde que o lazer prevalece sobre aquele árduo trabalho. A cada ano, seis meses antes da festa eles começam a procurar pessoas que possam elaborar projetos culturais, que possam fazer mediações políticas, acompanhá-los à Assembléia Legislativa, que façam a publicidade, que financiem gasolina, enfim, uma série de tarefas que exige muito trabalho, e que a cada grupo que passa pela associação alimenta-a de experiências e de contatos e dramas.

Em 2011 após dois anos sem apoio do poder público, a Associação decidiu contratar um agente cultural para ajudá-los a organizar a festa. A idéia é que a necessidade de profissionalismo para a realização do evento é algo necessário para situá-lo como evento turístico. E, portanto, os organizadores se põem a aprender com alguém que possa mostrar-lhes alguns meandros. Principalmente porque neste ano se pretende a construção de um evento mais bem estruturado, e assim a cada ano até o ano da Copa do Mundo de 2014, que no caso coincidirá com o mês da festa, Junho, que para eles será o auge da visibilidade da festa, quando irão “lançá-la para o mundo”. Parte-se



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

do pressuposto de que para projetar a festa para fora da comunidade é necessário organizar o discurso e as idéias.

Em meu contato com os moradores, organizadores e festeiros, o principal argumento que se percebe no discurso sobre a festa é o argumento da tradição, isso consta claramente no projeto cultural que foi construído este ano para apresentação na Secretaria Estadual de Cultura de Mato Grosso. Além disso, é amplamente percebido nas falas dos entrevistados, de que a festa é tradicional, de que o Bonsucesso é a raiz de Várzea Grande, pois são filhos de ribeirinhos, pessoas que foram do campo e que ergueram a cidade, e que é uma comunidade unida. Em uma conversa com o presidente da associação ele me relata como tem sido muito difícil conseguir apoio: “ninguém oferece verba, os empresários só oferecem produtos, como se a gente não tivesse outros gastos com a festa, só com arroz.” Ele me questiona, “você acredita, como pode ser isso, né? A festa é importante para o município, e até para o Estado, ela é *uma festa tradicional*, já se tornou um *patrimônio cultural*, e a prefeitura, o governo, as empresas não estão nem aí pra gente, nem para o nosso bairro.”. Ao empregar algumas noções largamente exploradas no campo científico, e das políticas culturais, ele dá um uso singular para elas, re-significando as noções dentro do seu espectro de conhecimento para legitimar o seu discurso. Festa tradicional se refere à categoria do evento, é uma festa que remete a um passado longínquo. Mas quando inquiridos os moradores afirmam que a festa tem 31 anos, não sendo assim tão antiga, o que a qualifica como tradicional é o lugar da festa, Bonsucesso, uma localidade antiga, originada de uma sesmaria tão antiga e importante quanto o município, e, portanto tudo que é produzido lá seria “tradicional” e um “patrimônio cultural”. A idéia de que a festa não é simplesmente uma festa, mas sim uma manifestação da tradição, um patrimônio, revela que é necessário para os organizadores enfatizar a dinâmica social e política que a comunidade adquire quando situada em relação ao município de Várzea Grande. Assim o presidente da associação se constrói também como pessoa importante, alicerçado no *jeitinho brasileiro* que expõe Roberto DaMatta (1986), onde a sua autoridade é afirmada no sentido de demonstrar que o sistema é hierárquico, e inapelável (idem: 101). A maneira de me receber propõe isso, ele sempre marca os dias de encontro, de maneira que seja reservado um tempo só para mim, mesmo que curto, mas que ele possa dedicar



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

total atenção a minhas indagações, formalizando assim nossos encontros. A maneira com que ele se apresenta nos órgãos públicos, sempre enfatizando ser ele o presidente, o primeiro a entrar, o primeiro a falar, sempre em prol de um coletivo, usando expressões como “*nós* viemos aqui hoje”, “*nós* estamos indo atrás de tal pessoa”. Mas dizer que a festa é tradicional, e que, portanto, todas as demandas devem ser supridas pelo poder público não implica em resultados objetivos. O presidente tem consciência de que não é tão simples assim, por isso a necessidade de meios, de se fazer aprovar um projeto cultural, da busca por suporte na iniciativa privada, a busca por “padrinhos” da festa entre os comerciantes do município.

E neste movimento a utilização das noções de tradição e patrimônio é muito importante, pois cativam os contatados e constroem o apelo emocional. Elas contextualizam a manifestação sendo o ponto de partida do apelo, depois sempre vem argumentos como a despreocupação do poder público, o descaso com uma localidade importante como Bonsucesso. Se construir no discurso como detentores de um patrimônio e de uma tradição coloca a localidade em situação privilegiada, faz com que eles acabem sendo apoiados, mesmo que passem por dificuldades. Outros bairros da mesma cidade encontram grandes dificuldades para executar projetos culturais, não conseguindo apoio nem na esfera pública nem na privada.

Um dos elementos que impulsionam a festa é o peixe, cardápio principal da festa e momento mais esperado e explorado em termos de visibilidade pelos organizadores. Ao passo que as televisões vêm à comunidade para filmar a limpeza e fritura do pescado, os organizadores também *espetacularizam* o momento dispendo o peixe frito dentro de uma canoa para ser fotografado. Em uma fala sobre a tradição da culinária local Dona A., a mãe do presidente da associação, e dona de uma importante peixaria, diz: “O que eu faço de comida é aquilo que os cuiabanos faziam, e nós estamos usando até agora. A única coisa que mudou foi que antes o peixe era acompanhado de arroz sem sal, e agora tem sal, e alguns nomes também mudaram, como escabeche, na realidade é peixe ao molho, esse foi clientes que colocaram, mas, por exemplo, a mujica é a mesma coisinha. O peixe é o que garante a festa de São Pedro”. A idéia de que o peixe *garante* a presença das pessoas não é apenas uma mistificação, está no imaginário dos moradores de Cuiabá e Várzea Grande: se você quiser comer um bom peixe, nos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

moldes “tradicionais”, deve-se ir até estas localidades ribeirinhas. O momento da festa é uma oportunidade ímpar, pois o preço acessível a uma grande quantidade de pescado salta aos olhos das pessoas.

Na realização desta festividade, que transita entre São Pedro e Festa do Pescador, e de outras da região também, algumas pessoas se destacam por se tornar lideranças comunitárias efetivando um papel cívico de diálogo com o poder público, com políticos, tratando nesses encontros de questões mais abrangentes do que as festas, como melhorias para o bairro, acesso a cidade, turismo. A festa também constrói um imaginário sobre as relações que são tecidas no bairro, positivam a participação e restringem socialmente aqueles que não participam da construção do evento. Além de se constituir como fator de prestígio para aqueles que estão diretamente envolvidos. Constrói também uma imagem do local, de sua importância social, cultural e política e a re-atualiza perante a cidade. As festas servem então, como um fator de mediação entre a cultura e ação, entre a representação social da tradição e o representar-se a si próprio. Fazendo com que a produção de identidades para dentro e para fora da localidade se cruzem e se misturem na dinâmica do processo.

Referências Bibliográficas:

- BARTH, Fredrik. *Grupo étnicos e suas fronteiras*. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Editora Fundação UNESP, 1998.
- CARVALHO, José Jorge de. O lugar da cultura tradicional na sociedade moderna. *Seminário folclore e cultura popular*. Série Encontros e Estudos 1, MINC-IBAC, p. 13-21, 1992.
- DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. *Os Nuer: uma descrição dos modos de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. São Paulo: Perspectiva, 1993 [1940].
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.
- MARCUS, George. *Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial*. Revista de Antropologia, vol.34, 1991.
- OSORIO, Patrícia Silva. *Cantoria de Pé de Parede: a atualização da cultura nordestina em Brasília*. Revista Cadernos de campo. N. 14-14. P.65-81 São Paulo: 2006.
- PEIRANO, Mariza. A legitimidade do folclore. *Seminário folclore e cultura popular*. Série Encontros e Estudos 1, MINC-IBAC, p. 85-88, 1992.
- PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- SEGATO, Rita Laura. A antropologia e a crise taxonômica da cultura popular. *Seminário folclore e cultura popular*. Série Encontros e Estudos 1, MINC-IBAC, p. 13-21, 1992.
- TAVARES, José Wilson. *Várzea Grande: História e Tradição*. Cuiabá: KCM Editora, 2011.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

TURNER, Victor. *Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana*. Niterói: EdUFF, 2008.

VIANNA, Hermano. *Tradição da mudança: a rede das festas populares brasileiras*. Revista do Patrimônio n. 32, 2005.